r e s e n h a

Re

Resenha recebida em: 11/09/2016

Resenha aprovada em: 14/09/2016

DOI 10.5380/2238-0701.0n0p267-278

Despolitização. Clima. Mídia.

A despolitização da questão climática pela mídia

The depoliticisation of the climate change by the media

La despolitización del tema climático por los medios

MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA ¹

COMBY, Jean-Baptiste. **La question climatique:**
genèse et dépolitisation d'un problème public. Paris,
Édition Raison d'Agir, 2015. (Ainda inédito no Brasil).

¹ Jornalista. Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento (Universidade Federal do Paraná – UFPR). Bolsista Capes na Université Lyon Lumière 2, Lyon França. Pesquisadora do Grupo Clik – Comunicação e Cultura Cyber, do CNPq. Professora do Departamento de Comunicação da UFPR e dos programas de pós-graduação em Comunicação (PPGCom) e Desenvolvimento e Meio Ambiente (PPG-Made),

Lançado na França, oportunamente no período de realização da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP-21), em Paris, em dezembro de 2015, “La question climatique” é o primeiro livro publicado por Jean-Baptiste Comby, sociólogo e pesquisador do Centro de Análise e de Pesquisa Interdisciplinar sobre Mídias (Carism) e professor do Instituto Francês de Imprensa (IFP) da Universidade de Paris II. Há algum tempo, Comby dedica-se a analisar a grande questão ambiental contemporânea, as mudanças climáticas aceleradas pelo ser humano de forma inédita, e a relação desta problemática com as instâncias políticas e econômicas, e em especial, com a mídia. Sua tese de doutorado sobre o tema e vários textos e entrevistas disponíveis em revistas científicas e na imprensa já prenunciavam que uma publicação de maior fôlego viria a seguir.

As alterações climáticas constituem um dos pontos mais enfáticos da era antropocênica, na qual vivemos, que de acordo com o Prêmio Nobel de Química em 2000, o holandês Paul Crutzen, é aquela na qual o ser humano se tornou “a principal força geológica” do planeta. A geração de gases de efeito estufa, a partir das atividades econômicas e modos de vida, que provoca alterações climáticas, representa uma das maiores evidências desta interferência humana ostensiva sobre o sistema natural do planeta. Para Jean-Baptiste Fressoz (2016:6), historiador do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), o atual estágio das mudanças climáticas e as mudanças geológicas e geográficas já anunciadas (algumas em desenvolvimento), causadas pelas formas de produção econômica hegemônicas, implicam para seu enfrentamento toda uma mudança nos hábitos e valores de consumo da sociedade. E é precisamente este o ponto mais complicado do *imbróglio* climático contemporâneo, uma vez que, ao se pensar sobre uma realidade europeia, por exemplo, é muito mais fácil fazer a transição energética, deixando a energia nuclear de lado, do que ser contra o transporte aéreo massivo ou o automóvel individual (FREZZOZ, 2006:6). Assim, neste estágio, as questões ligadas às alterações climáticas adquirem uma dimensão muito mais econômica e, portanto, político-ideológica, do que propriamente científico-ecológica.

E aí se insere um dos pontos-chave do livro de Comby, que alega que a mídia, ao potencializar simbolicamente as alterações climáticas (tema que a princípio o autor considera ter um potencial de crítica radical), promove uma “despolitização” do problema, o que leva a um

impasse e a medidas maquiadoras (*le toilettage de la question climatique*), que não darão conta de seu enfrentamento. Para Comby, estudar o debate público sobre a questão climática na França nos anos recentes, especialmente a partir de 2000, conduz à observação de como o modelo capitalista resiste de maneira inexorável – basta entender como tal modelo criou e se apropriou da ideia de um desenvolvimento sustentável para reinventar seus mercados e recursos de marketing sob o traço do “verde”, com um novo discurso eco empresarial. Comby alega que se debruçar analiticamente sobre este debate é também uma forma de se perguntar sobre as condições possíveis para uma redefinição ideológica e das estruturas sociais dominantes (2015:7). Esta colocação, feita já na *Introdução* do livro — *Un problème publique individualisé* — situa para o leitor a posição do pesquisador: ele condena as lógicas econômicas e políticas que estabelecem a catástrofe ecológica em curso, afirmando que os responsáveis pela marcha implacável destas lógicas — governos e empresas — têm na imprensa uma grande aliada, ao construir junto aos jornalistas, grandes mediadores sociais contemporâneos, uma visão moralizante que conclama os cidadãos a contribuírem para enfrentar o problema, sensibilizando-os para ações individuais, ao mesmo tempo que impõe uma visão despolitizada da questão climática, promovendo, de certa forma, uma inversão de responsabilidades.

O pesquisador francês destaca que as mudanças ligadas ao clima e suas consequências constituem desde o final dos anos 2000 uma questão preponderante na mídia francesa, “a ponto de aparecer como uma preocupação central para os decisores políticos” (2015: 7), constatação que pode ser ampliada e aplicada a um grande número de países. Mas, segundo o pesquisador, isto vem acompanhado de um paradoxo — tamanha visibilidade do tema também o transforma em “uma grande banalidade” e suas questões se tornam um lugar comum tanto nas discussões oficiais quanto nas conversações diárias.

A grande virtude do livro é que o texto não se limita às opiniões e visões do autor (que são enfáticas e construídas argumentativamente). Ao contrário, em grande parte o conteúdo se baseia na análise de um quadro empírico consistente, resultado de sua pesquisa de doutorado, concluída em 2008, orientada por Rémy Rieffel, do IFP (*Créer um climat favorable. Les enjeux liés aux changements climatiques: valorisation publique, médiatisation et appropriations au quotidien*). A versão reescrita, atualizada e ampliada da tese, resultou em cinco capítulos, acompanha-

dos de *Introdução e Conclusão*, além de anexos e do posfácio *Midiatização do Clima entre 2007 e 2011 na França*, denominado pelo autor como “um quadro globalmente imutável”. Foram perto de 70 entrevistas realizadas com jornalistas ligados à cobertura ambiental nas mídias generalistas nacionais francesas, e com suas fontes privilegiadas: cientistas e especialistas, agentes de Estado, membros de associações e organizações não governamentais, mas também especialistas em comunicação. Comby entende a intervenção destes atores sociais no campo midiático como uma mobilização legitimadora, mas em boa parte também conformista, e sobre isso discorre no capítulo 2 (*Mobilisation des scientifiques et expertise légitimante*).

Foram ainda analisadas 663 reportagens sobre os desafios climáticos em telejornais noturnos das emissoras TF1 e France2, grandes canais da TV aberta francesa, entre 1997 e 2006. As análises permitiram caracterizar o tratamento jornalístico sobre a questão climática, colocando em evidência as abordagens e direcionamentos induzidos pelos argumentos de “valor notícia” conformista, resultado analítico que dialoga coerentemente com as considerações feitas no primeiro capítulo (*Un traitement journalistique conformante*). Os dados ainda foram reforçados para a versão livro, acrescentando-se uma análise dos mesmos telejornais, mas com as notícias do período 2007-2011, o que permitiu a elaboração do posfácio da publicação.

Pode-se, nesta altura, perguntar: o que um livro que apresenta uma pesquisa sobre o tema das mudanças climáticas e seus imbricamentos políticos e midiáticos na França pode contribuir para os interessados sobre o assunto no Brasil? A resposta é clara: muito. A formação sociológica do autor parece colaborar decisivamente para que a obra supere a colocação de algumas variáveis explicativas pouco satisfatórias sobre como as mudanças climáticas têm atraído a atenção dos diversos públicos em diferentes países. Comby enfatiza que, de forma ampla, comentaristas e mesmos pesquisadores das ciências sociais estudiosos do fenômeno costumam atribuir a atenção sobre o problema aos eventos climáticos extremos, como a onda de calor (*canicule*) na França em 2003, considerado um momento de mudança de opinião sobre a questão. Ou, em um exemplo brasileiro, poderíamos acrescentar a escassez hídrica (seca) no estado de São Paulo, em 2014-2015. O pesquisador cita, inclusive, uma outra publicação que contém exemplos de eventos climáticos, políticos, culturais e científicos que são relacionados pelos

autores aos registros sobre mudanças climáticas nas agendas midiáticas, políticas e de opinião, que se retroalimentam entre si. Ele concorda que todos esses eventos aprofundam a dramatização, revalorização e manutenção do discurso midiático sobre o tema. Mas, para ele, essa é uma explicação pouco satisfatória, até porque, no seu entendimento, os efeitos decorrentes de tais eventos sobre a valorização pública do problema são difíceis de serem objetivados. Neste ponto da argumentação, ele recorre a Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1968) para lembrar que o conhecimento imediato é sempre uma ilusão (2015: 206) e que o olhar sociológico é cauteloso com relação a estas leituras factuais, típicas da mídia, que se apoiam sobre causalidades conjunturais e parciais.

Um capítulo estruturante do livro é o terceiro (*Des politiques de dépolitisation*), no qual o autor discorre sobre “as políticas de despolíticação”, decorrentes das ações de *merchandising* das instituições públicas na área e das próprias políticas ambientais realizadas como ações públicas de comunicação (marketing governamental). Estabelecido esse ponto, ele conduz seu raciocínio para criticar o mote, tão bem recebido por setores como o da educação ambiental, da “sensibilização” do público (dos diversos públicos) conduzida por empresas e pelo governo, que ocultam os desafios da adaptação às mudanças climáticas e as desigualdades sociais no caso de exposição aos seus riscos e consequências. Esta retórica sobre a sensibilização do público serve, segundo o autor, apenas para mobilizar consensos, folclorizar alternativas e poupar os estilos de vida poluidores típicos do modelo capitalista dominante. Comby fecha sua construção argumentativa, no capítulo 5 (*Un climat favorable aux groupes sociaux dominants*), ao afirmar, provocativamente, que “o clima é favorável aos grupos sociais dominantes”. Para isso, avança em questões como “o caráter ecologicamente insustentável dos estilos de vida socialmente valorizados” e “as relações distantes das classes populares à moral ecológica”, além de chamar atenção para o paradoxo social da chamada eco cidadania. Nesse ponto, ele chama a atenção para um aspecto para o qual se dá pouca ou nenhuma atenção no Brasil: a politização ecológica em um sentido não partidário, mas de responsabilização dos setores público e privado a partir de reivindicações e pressões de setores organizados da sociedade.

Pode-se observar que, se a tese de Comby foi atualizada com um posfácio, realizado a partir de uma nova etapa de pesquisa em 2011,

o lançamento do livro demorou um tempo razoável para ocorrer no final de 2015. Entretanto, é certo que não há mudanças significativas sobre os aspectos abordados por Jean-Baptiste Comby, desde os anos de sua pesquisa, a não ser o fato dos setores jornalísticos terem passado por um histórico processo de tecnização em seu repertório de ações de produção e distribuição de notícias, e que esta intensa etapa de midiatização pela via da Web, também atingiu as organizações ambientais que passaram a realizar ações coletivas em rede para atingir seus públicos. Mas, tais metamorfoses estruturais, não alteraram muito a forma de se comunicar sobre a questão das mudanças climáticas.

De fato, pesquisas recentes (LIMA *et al*, 2016) realizadas sobre um veículo totalmente online, o *The Huffington Post*, tanto na versão brasileira quanto francesa, revelam que, apesar dos conteúdos estarem disponibilizados na rede — com o uso de inúmeros recursos multimídia, e serem estruturados do ponto de vista do consumo e fruição pelas plataformas móveis por onde são distribuídos, assim como o fato de serem pautados por uma nova forma de medição de audiência, via *clicks*, do público —, seus conteúdos permanecem praticamente iguais àqueles divulgados pelos noticiários de televisão analisados por Comby em períodos anteriores (ressalve-se a oportunidade de aprofundamento de alguns aspectos do problema pela publicação bastante significativa de artigos de opinião, em *blogs*). Pode-se falar, então, que, desde 2000, permanecem nos conteúdos jornalísticos os mesmos argumentos discursivos sobre a construção da atualidade no que diz respeito às mudanças climáticas, suas causas e consequências, alterando-se apenas o pano de fundo de eventos e seus contextos.

Esta permanência do discurso sobre a situação e o agravamento das questões climáticas globais nos conduzem a uma grande questão, muito bem colocada em resenha francesa sobre o livro de Comby, publicada na revista *Sociologie* do CNRS. Nela, Cyprien Tasset (2016), do Instituto de Pesquisa Interdisciplinar sobre Desafios Sociais (Iris-Ehess), enquadra a obra de Comby como uma resposta sobre o que muitos perguntam atualmente: como a questão do aquecimento climático, com toda a atenção pública que desperta nas democracias ocidentais, depois de tanto tempo, não corresponde a mudanças políticas proporcionais à gravidade atribuída ao fenômeno pelos cientistas? Esta é a questão de fundo que surge com frequência para todos: ambientalistas e ecologistas, comunicadores e jornalistas, cientistas sociais e naturais, políticos e empresá-

rios; e deve aparecer também para muitos cidadãos preocupados com o futuro da sociedade humana no planeta, ou até, do próprio planeta. Para Comby, uma das respostas possíveis para a aparente estagnação da situação socioambiental, em que se incluem as alterações climáticas, é que ela se dá pela via do esvaziamento político da questão, o que leva a uma “não mudança” e à repetição dos mesmos discursos há anos.

REFERÊNCIAS

FRESSOZ, Jean-Baptiste. **Le Journal**. Genève, Suisse. n.122, 13 Oct-3 Nov, 2016.
TASSET, Cyprien. Sociologie, CNRS, France, n. 3, v.7, 2016.

LIMA, Myrian De Vecchio; FORT, Mônica; FIEBIG, Manoela; GERN, Augusta; ÁVILA, Otávio C. Ênfases jornalísticas na cobertura da COP 21 (Paris, 2015) nas versões norte-americana, brasileira e francesa do site *The Huffington Post*. Curitiba, **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 40, p.77-99. 2017

COMBY, Jean-Baptiste. **La question climatique**: genèse et dépolitisation d'un problème public. Paris, Édition Raison d'Agir, 2015 .